

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

HUGO COELHO PEREIRA

QUANDO É DIA DE FUTEBOL:

a prática do futebol amador em Ouro Preto em cenas do time Os Mercenários

Documentário

Mariana

2019

HUGO COELHO PEERIRA

QUANDO É DIA DE FUTEBOL:

a prática do futebol amador em Ouro Preto em cenas do time Os Mercenários

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Evandro José Medeiros Laia

Mariana

2019

Catálogo na fonte elaborada pelo bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. 1407

P436q Pereira, Hugo Coelho

Quando é dia de futebol [filme cinematográfico] :
a prática do futebol amador em Ouro Preto em cenas
do time Os Mercenários / Hugo Coelho Pereira.pER.--
Mariana, MG, 2018.

30 f.+ 1 vídeo (10'00'')

TCC (graduação em Jornalismo) - Universidade Federal
de Ouro Preto, Mariana, 2019

1. Futebol - Teses. 2. MEM. 3. Futebol - Aspectos
sociais - Teses. 4. Monografia. 5. Interação social
- Ouro Preto (MG) - Teses. 6. Documentário (Cinema)
- Brasil. I.Laia, Evandro José Medeiros. II.Universidade
Federal de Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais
Aplicadas - Departamento de Jornalismo. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 796
: (815.1)
: 15
: 1422794

Hugo Coelho Pereira

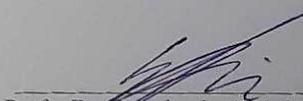
Curso de Jornalismo – UFOP

Quando é dia de futebol:

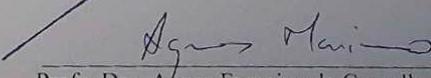
a prática do futebol amador em Ouro Preto em cenas do time Os Mercenários

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Evandro José Medeiros Laia.

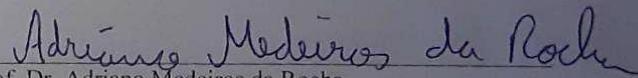
Banca Examinadora:



Profa. Dr. Evandro José Medeiros Laia



Profa. Dra. Agnes Francine de Carvalho Mariano



Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha

Mariana, 17 de julho de 2019.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Marly e Geraldo e irmãos Nathalia e Victor – pelo suporte e segurança;

Professores Agnes Mariano e Evandro Medeiros – pelas orientações acadêmicas;

Eduardo Moreira – pelos ensinamentos audiovisuais;

Nathália Araújo – pelo exemplo, inspiração e incentivo;

Trabalhadores do ICSA – pelo tempo dedicado;

Luiz Inácio Lula da Silva – pelo ICSA;

IFMG – Campus Ouro Preto – pelo trabalho e apoio institucional;

A todas amigas e amigos, professores e familiares que um dia acreditaram em mim;

Agradeço a aceitação dos companheiros do time “Os Mercenários” na proposta de fazer um filme sobre nós, jogadores de futebol amador.

O mérito da derrota consiste em isentar o derrotado
de qualquer responsabilidade de vitória.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O presente trabalho deseja registrar as relações sociais que envolvem a prática do futebol de várzea, no cotidiano dos jogadores do time Os Mercenários de Ouro Preto, Minas Gerais. Trata-se da produção experimental de um documentário, em que o realizador, Hugo Coelho, como jogador da equipe, faz uma série de registros de alguns dias de jogos do Os Mercenários. Para realização deste filme foi adotado um dispositivo que estabelece o percurso do time antes, durante e após as partidas do ponto de vista na primeira pessoa. No decorrer da pesquisa, serão refletidos conceitos de sociabilidade e também sobre o processo de realização de um documentário pessoal.

Palavras Chave: documentário, futebol, cinema patrimônio, cultura brasileira, sociabilidade

ABSTRACT

The present work register the social relations that involve the practice of the amateur soccer, in the daily life of “Os Mercenários” players of Ouro Preto, Minas Gerais. This is a experimental production of a documentary, in which the director, Hugo Coelho, as the team does, makes a series of records of a few days of games of “Os Mercenários”. To make this film was adopted a device that fixes the course of time before, during and after the matches from the point of view in the first person. In the course of the research, the thoughts projected on the sociability and also on the process of realizing a personal document.

Keywords: documentary, football, cinema, Brazilian culture, sociability

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1:** Estrutura da empresa ArcelorMittal ao fundo do campo do Aluminas 23
- Imagem 2:** Vista do centro histórico de Ouro Preto de lugar no bairro Vila Aparecida 24
- Imagem 3:** Estrada para o distrito de Santa Rita de Ouro Preto..... 25
- Imagem 4:** Estrada para o distrito de Santa Rita de Ouro Preto..... 26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 FUTEBOL	10
1.1 Futebóis	13
2 DOCUMENTÁRIO	18
3 O FILME	21
3.1 Equipamentos	21
3.2 Gravações	22
3.3 Edição	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

“Quando é Dia de Futebol” é um documentário construído a partir da captação de imagens de momentos do ambiente do futebol de várzea, praticado pelos jogadores do time ouropretano Os Mercenários, do bairro Vila Aparecida.

A escolha, por produzir um trabalho sobre o futebol amador em Ouro Preto, foi feita por conviver dentro desse ambiente do futebol local. Como jogador do time Os Mercenários pude vivenciar o ambiente que envolve a prática do futebol amador e as relações sociais necessárias para organização e realização das partidas.

As imagens em movimento são uma forma de expressar características da sociedade atual que refletem uma parte da cultura contemporânea. Deste modo, optei então por me dedicar a um produto audiovisual, e em seguida pelo gênero documentário. A última definição do filme seria como abordar o ambiente em que nós jogadores do “Os Mercenários”, vivíamos a cada dia que encontrávamos para jogar uma partida.

O antropólogo Roberto DaMatta (1982) explica como futebol suspende momentaneamente as diferenças sociais e equaliza os indivíduos participantes como jogadores de um time.

Se o futebol traz à tona da consciência social valores como a lealdade absoluta a uma só equipe, a segmentação da sociedade em coletividades individualizadas e compactas; e uma idéia de tempo cíclico; ele positivamente esconde os fatos da vida diária que indicam como os clubes são compostos de pessoas socialmente distintas, não podendo jamais formar uma entidade permanente. Pois que a vida quotidiana divide ricos e pobres, doentes e sadios, dominantes e dominados. Se o futebol, portanto, nos mostra o mundo como uma realidade momentânea homogênea, é para esconder o heterogêneo. (DAMATTA, 1982, p.29)

Desta forma, as conversas antes do jogo, caronas entre os jogadores, a partida em si e até a confraternização após o jogo, fornecem informações que exemplificam as formas de interação social e mostram que o futebol amador se qualifica como um tema apropriado que ajuda no estudo da sociedade e suas formas espontâneas de interação.

O embasamento teórico, que sustenta esta produção, reflete na primeira parte sobre a origem do futebol no Brasil e seu processo de profissionalização através dos anos, além da subdivisão do futebol em futebóis. Na segunda parte traço caminhos teóricos sobre documentário e sua relação com a realidade. Utilizo de conceitos de Bill Nichols (2016) e Sheila Bernard Currand (2008) para justificar o modo escolhido para o documentário e os elementos da narrativa. Por fim abordo sobre o surgimento da idéia do filme, os equipamentos utilizados, o processo de gravação, a edição e as dificuldades de produção.

2 - FUTEBOL

Esporte mais popular do Brasil, o futebol também é importante fora das quatro linhas. Através de perspectivas históricas e sociológicas é possível encontrar no futebol uma forma de também estudar o país.

O antropólogo Roberto DaMatta em seu artigo “Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro”, diz que “o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir”. (DAMATTA, 1982, p.21)

No “Dicionário Tostão de futebol, conceitos e reflexões”, o futebol é descrito como “único esporte coletivo em que nem sempre vence o melhor. Há, em uma partida, dezenas de possibilidades e, com frequência, não existe relação direta, sintonia, entre o resultado e o que acontece durante o jogo. Futebol se joga com os pés, com a cabeça (nos dois sentidos) e com a alma”. (YOSHIOKA, 2010, p. 112). Tostão foi jogador de futebol profissional e campeão da Copa do Mundo de 1970 jogando pela Seleção Brasileira Masculina.

Tostão teve a experiência de jogar pelo Brasil e Roberto, de estudar o Brasil. Essas duas visões sobre o esporte mostram diferentes formas de abordar o futebol, uma abordagem que reflete mais o social e outra sobre a competição esportiva. Dentre as abordagens sociais sobre o esporte, é necessário destacar, que as camadas de pessoas pobres e com a cor da pele preta sofreram racismo no esporte desde os seus primeiros anos, como relata o jornalista Mario Filho (1947).

O saudosista sempre branco, nunca preto, dava para desconfiar. E depois, a época de ouro, escolhida pelo saudosista, era uma época que se podia chamar de branca. Os jogadores claros, bem brancos, havia até louros nos times, ia-se-ver: inglês ou alemão. Poucos morenos. Os mulatos e os pretos, uma raridade, um aqui, outro ali, perdiam-se, nem chamavam atenção. (FILHO, 1947, p. 14)

Se procurarmos aonde foi o “pontapé inicial” do futebol no Brasil, teremos uma versão quase hegemônica que relata a importância de jovens brasileiros de famílias ricas no Brasil do fim do século IX, que foram estudar na Europa e incorporaram hábitos da cultura europeia. As histórias dos jovens Charles Müller e Oscar Cox, de São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente, são os exemplos mais conhecidos. Müller e Cox, jovens que, apesar dos nomes estrangeiros, eram nascidos no Brasil.

Ambos filhos de famílias abastadas que buscaram, na Europa, a base de uma educação que não poderiam ter em seu país de origem – trazendo de lá a semente de novas práticas e tradições.[...] História como a dos dois pioneiros servem, assim, para atestar o caráter elitista dos primeiros tempos do esporte no Brasil: nascido somente pelo impulso isolado de alguns grupos abastados, que buscavam na Europa as raízes de uma nova cultura e de uma nova civilização para a recém instaurada República brasileira, ele tinha definido em seus primórdios o caráter restrito que caracterizaria seus primeiros tempos. (PEREIRA, 2000, p.22-23)

O Brasil dava seus primeiros passos como país independente, 1822, e acabava de ser o último país na América a abolir a escravidão, em 1888. Às diferenças sociais da época no país influenciaram o curso da difusão do futebol vindo da Europa. José Miguel Wisnik (2008) evidência essa divisão.

Imediatamente visível é o futebol de elite, introduzido, segundo a versão oficial, por Charles Miller em 1894, antecedido aqui e ali por marinheiros ingleses, por funcionários da São Paulo Railway e por alguns colégios que modernizavam eventualmente os hábitos ginásticos (seguindo proposição de Rui Barbosa feita já em 1882) como o São Luis de Itu. Implantado e praticado regularmente entre sportsmen nos clubes chics, com status de importação inglesa, assumido como prerrogativa de classe e separado da plebe por uma espécie de cor d'ão sanitário, esse futebol torna-se logo a vitrine de um modo de vida europeizado, cosmopolita, e um índice de civilização e progresso, além de um traço de distinção social. (WISNIK, 2008, p.200)

Embora não estivesse a vista, o futebol também começava a se popularizar nas classes mais pobres. Wisnik (2008, p. 206) afirma que a cena invisível “é justamente a do futebol de pobres, o movimento presumível de gandulas improvisados, moleques, trabalhadores e desclassificados, que se impregna daquilo que vê nos campos ricos e se irradia rápida e indomável pelas várzeas e clubecos populares.”

Mario Filho relata uma das formas com que os primeiros praticantes do futebol no Brasil, tentavam manter influência inglesa no esporte. E assim se distanciavam das camadas mais pobres da época, em que se predominava o analfabetismo.

No foot-ball, importado, made in England, predominava um vocabulário onde os diálogos em campo travavam-se em inglês, assim como em inglês eram nomeadas as posições dos jogadores. Nessa época, um time era composto pelas seguintes posições: goal-keeper, Full-back-right, full-back-left, half-back-right, center-half, half-back-left, winger-right, inside-right, center-forward, inside-left, winger-left. Além das posições dentro de campo, a presença da língua inglesa fazia-se presente também junto à arbitragem: "o juiz era o referee, transformado em referi ou réfe; o bandeirinha era o linesman. (FILHO, 1947, p. 15-16)

Com o passar dos anos, alguns pobres e negros conseguiram quebrar as barreiras da segregação existente no futebol, pois afinal eram bons jogadores. Mesmo sendo poucos, começaram a criar clubes populares além daqueles tradicionais clubes de elite. Mario Filho (1947, p. 31) conta que quando esses clubes se encontravam, "se via melhor a diferença que havia, não entre brancos e pretos, mas entre clubes. Clubes de bairros, de subúrbios, da zona sul e da zona norte. Grandes e pequenos, cada um ficando no seu lugar, conservando a distância. Sem tentar nem se aproximar."

Considerado um dos primeiros intelectuais a refletir sobre o futebol, por ter escrito em 1938 no Diário de Pernambuco, o artigo “Foot-ball mulato”, o sociólogo Gilberto Freyre já identificava um estilo brasileiro de jogar futebol. Que a partir da década de 30, já era influenciado pela efetivação da inserção de negros e mulatos nos clubes e na seleção.

Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de foot-ball; e esse estilo é mais uma expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas ou em músicas técnicas européias ou norteamericanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam alas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo, o nosso – psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato. (FREYRE, 1938, s/p)

Nos anos 30, o Brasil passou por várias mudanças políticas, econômicas e sociais. Os recursos tecnológicos do rádio ajudaram o futebol brasileiro, a desenvolver esse caráter de esporte nacional, de acordo com o jornalista Marcos Guterman.

A criação de mitos e heróis pelo rádio esportivo, e posteriormente pela imprensa em geral, ajudou a formatar o caráter nacionalista e épico atribuído ao futebol. [...] A união desses dois fenômenos da história brasileira — o futebol, que mobilizava a massa de brasileiros cada vez mais urbanos, e o rádio, que cumpria o papel de levar a essa massa todo tipo de informação e entretenimento, ao vivo e com emoção — gerou enormes possibilidades políticas, como Getúlio, com sua impressionante capacidade de adaptação, não tardou a perceber (GUTERMAN, 2009, p. 75).

O historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000, p.329) explica que o então presidente do país, Getúlio Vargas, foi com o tempo entendendo que o futebol propiciava momentos de união de classes e “transformava-se, assim, na tentativa de fazer dele um poderoso aliado da campanha nacionalista desenvolvida no Estado Novo – em um processo que tinha no sucesso alcançado por jogadores negros como Domingos e Leônidas a sua principal propulsora.”

Mesmo que alguns governos tenham aproveitado em benefício próprio, o caráter popular que o futebol adquiriu no Brasil, Roberto DaMatta (1982) propõe uma reflexão além de pensar o futebol como ópio do povo.

Longe, pois, de ver essa experiência futebolística como o protótipo do material que governos autoritários podem mobilizar em proveito próprio, quero acentuar o lado positivo (ou liminar) da experiência com o futebol no seu sentido mais amplo e generoso, quando ela permite à massa destituída ter o sentimento de totalidade nacional, do valor do povo representado pelos seus ídolos e, mais importante que tudo isso, da vitória plena e merecida. (DAMATTA, 1982, p.35)

O antropólogo DaMatta (1982, p. 40) também se refere às outras dimensões sociais e culturais que o futebol adquiriu no país, dizendo que “é também uma máquina de socialização de pessoas, um sistema altamente complexo de comunicação de valores essenciais (Cf. Levine, 1980) e um domínio onde se têm a garantia da continuidade e da permanência cultural e ideológica enquanto grupo inclusivo.”

2.2 - Futebóis

Com a profissionalização do futebol, os grandes times se distanciaram cada vez mais daquele aspecto amador de sua origem. A forma como o jogo acontece, teve diversas adaptações para contextos variados. Gerando a necessidade de se entender, o futebol como um todo, sendo a somatória algumas maneiras de como ele é jogado. Assim, admite-se o termo “futebóis”, no plural. ArleiSander Damo (2003) construiu uma matriz de classificação de futebóis para fazer essa diferenciação.

A diversidade futebolística pode, então, ser agrupada nas configurações denominadas de: futebol profissional, também referido por alguns autores como futebol-espetáculo ou futebol de alto rendimento/performance; futebol de bricolagem, conhecido como fute, pelada, baba, racha e outras designações locais; futebol comunitário, em certos contextos nomeado de futebol de várzea e em outros como futebol de bairro ou amador; e o futebol escolar, vinculado à instituição escolar desde o século XIX, como dispositivo pedagógico de uso alargado e transformado em conteúdo da EFI ao longo do século XX. (DAMO, 2003, p. 136).

No presente trabalho, usaremos os conceitos de Damo, dentro do futebol que é praticado na cidade histórica de Ouro Preto em Minas Gerais. De acordo com os dados de 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, encontrados no sitio eletrônico www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/ouro-preto, a cidade tem a população estimada em 73.944 habitantes. A cidade nunca teve um time profissional de futebol, mas de acordo com o historiador Rafael Rajão Ribeiro (2007, p. 51) “teve o primeiro clube de futebol de Minas Gerais, o Club Unionista de Football, fundado em 1903, pelo acadêmico o Victor Serpa, que havia estudado na Suíça.”

Para Damo (2003), o futebol profissional se caracteriza pela intensa divisão social do trabalho e é regido pelas regras da Federation Internationale de Football Association (FIFA) que é o comitê que detém o monopólio legítimo sobre as regras do football association.

No que se refere ao futebol de bricolagem, Damo (2003, p.140) explica que “é a configuração que admite as mais diversas possibilidades de adaptações em relação às normas da FIFA, desde que mantido o ‘átomo futebolístico.’” No Brasil, esse tipo de futebol é mais conhecido como pelada, mas em Ouro Preto o termo mais utilizado é “ranca”. Na cidade para chamar alguém para jogar, se diz: “vamo batê um ranca”.

Os “rancas” em Ouro Preto ocorrem com mais frequência nas quadras de futsal pelo fato de necessitar de menos jogadores, de 8 a 10, para um jogo. E também por serem mais acessíveis à população, pois quase todos os bairros da cidade possuem uma quadra de futsal pública. Já os campos públicos de futebol são poucos, e necessitam de no mínimo 22 jogadores para ocorrer um jogo.

Por não terem nenhuma pretensão maior do que o jogar futebol, os “rancas” de futsal ocorrem com mais naturalidade entre os jogadores. Os participantes muitas vezes vão a alguma quadra na expectativa de que pessoas já estejam jogando e que ela também possa participar. Existem ainda grupos de amigos que combinam regulamente de “bater um ranca”.

As regras para os “rancas” são autorreguladas pelos jogadores. Em Ouro Preto, comumente os “rancas” jogados em quadra de futsal tem mais de dois times em disputa. E adota a regra de que o jogo termina, quando se encerra 7 minutos corridos de tempo ou quando algum time faz dois gols primeiro. Assim, o time que se encontra de fora aguardando o termino daquela partida entra no lugar daquele que perdeu.

O futebol de várzea ou futebol amador, para Damo (2003, p.142) está entre o profissional e o de bricolagem. Ele descreve alguma das suas características como “vinculada ao tempo de lazer dos seus praticantes, realizada em espaços mais padronizados do que a bricolagem, mas sem a ortodoxia dos campos oficiais.” Associamos essas características ao time “Os Mercenários”, que é objeto de estudo desse trabalho.

Damo (2003, p. 142) ressalta que “o que melhor caracterize este futebol intermediário é a presença de quase todos os componentes do futebol profissional, porém diferindo em escala.” Em Ouro Preto, de acordo com o site www.ligaesportivaouropretana.com.br estão inseridos 45 times na Liga Esportiva Ouropretana. Essas equipes são uns simulacros dos times profissionais com presidente, diretores, sede, sócios, patrocinadores, etc. Os outros times de várzea, como no caso d’Os Mercenários, normalmente possuem somente dois conjuntos de uniforme para os jogadores e uma bola.

A divisão social do trabalho fora de campo não é nula, mas precária. Todos os times de várzea têm um técnico e quase todos têm também um dirigente e um massagista. Diferente da bricolagem, portanto. Mas o técnico de várzea não é remunerado e nem treina a equipe durante a semana. No jogo os papéis são, por princípio, bem definidos e até especializados, mas não deve causar surpresa se o centroavante, a certa altura, for jogar de goleiro; ou se o senhor grisalho, que estava com a sete e fora substituído ainda antes do intervalo, reaparecer como beque de espera nos minutos finais da partida. (DAMO, 2003, p. 142-143).

Quando o jogo ocorre por algum campeonato da LEO, seguem-se as regras previstas pela FIFA, mas quando é um jogo amistoso, pode haver certos ajustes devido às peculiaridades próprias do futebol amador. Por exemplo, um número ilimitado de substituições ou o ingresso de outro jogador no lugar de um que foi expulso de campo. O árbitro é fundamental para o cumprimento das regras e equilíbrio das tensões do jogo. Por falta de recursos dos times, normalmente há somente um árbitro.

Os torcedores que acompanham o futebol amador se caracterizam por terem uma proximidade com os jogadores, sendo a namorada, o amigo, o pai ou o filho. E há aquelas

pessoas que ao passarem diante de um jogo, param e observam, mesmo que por poucos minutos.

O último, entre os futebolis caracterizados por Damo (2003, p. 144), é o futebol escolar. Ele está inserido como forma pedagógica dentro das aulas de educação física nas instituições escolares. Damos destaca que “desde o ponto de vista do uso das técnicas corporais e até mesmo do seu estatuto simbólico, este futebol não possui uma diferença expressiva em relação às outras configurações, especialmente quando prevalece a pedagogia do *laisser-faire*. A tendência, nestes casos, é de que o futebol escolar assuma as configurações da *bricolagem*.”

O fato de Ouro Preto ter a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e o Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG-OP) faz com que a cidade tenha uma estrutura diferenciada da maioria das cidades de interior do Brasil, em termos de quantidade de quadras escolares. Só nessas duas instituições, encontram-se quatro quadras, dois ginásios e um campo, que podem ser usados para a prática do futebol. As escolas municipais e estaduais em Ouro Preto, também possuem quadras, mas essas já em um estado precário de manutenção.

Para a produção de um documentário sobre futebol amador é necessário entender de qual tipo de futebol estamos tratando provocando uma ruptura na hegemonia estética do futebol profissional. Damo (2003) ainda enfatiza a importância de estudar e retratar o futebol amador.

A várzea carece de homens/mulheres - mas sobretudo homens, uma vez que são eles quem dominam também a várzea - letrados para registrar sua memória e, para ser franco, seu público talvez nem se importe muito com isso. Seja como for, a história social do futebol de várzea ou seu presente e, por extensão, sua visibilidade, dependem do interesse acadêmico. Há, sim, personagens, instituições e estilos de sociabilidade varzeanos com os quais se pode aprender através da pesquisa; há, sim, “outros” no futebol. (DAMO, 2003, p. 147).

3 – DOCUMENTÁRIO

Documentário se estabelece como produção cinematográfica não-ficcional, mas na bibliografia dos estudos de cinema e documentário iremos encontrar vários conceitos e definições sobre o que é documentário. Essa pluralidade de possibilidades nos documentários é abordada por João Moreira Salles (2005).

Num primeiro exame, verificamos que o documentário não é uma coisa só, mas muitas. Não trabalhamos com um cardápio fixo de técnicas nem exibimos um número definido de estilos. É claro que o mesmo pode ser dito do cinema de ficção, mas no nosso caso a instabilidade é incomparavelmente maior. (SALLES, 2005, p. 58)

O gênero documentário, mesmo com algumas semelhanças, ocupa uma posição diferente das outras produções cinematográficas, devido às convenções fílmicas decorrentes da relação do que foi filmado com a realidade.

Por um lado, recorre a procedimentos próprios do cinema (escolha de planos, preocupações estéticas de enquadramento, iluminação, montagem, separação das fases de pré-produção, produção, pós-produção, etc.). Por outro lado, enquanto espectadores, exigimos que um documentário, por manter uma relação de grande proximidade com a realidade, deva respeitar um determinado conjunto de convenções: não direcção de actores, uso de cenários naturais, imagens de arquivo, câmera ao ombro, etc. Estes recursos constituem o garante da autenticidade do representado. (PENAFRIA, 2001, p.1)

Fernão Pessoa Ramos (2008, p.22) propõe o conceito de que “documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo.” Baseado nesse princípio, podemos dizer que o filme “Quando é dia de futebol” não reproduz a realidade vivida pelos jogadores nos dias que acontecem as partidas de futebol amador em Ouro Preto. Mas apresenta as asserções do documentarista diante daqueles momentos, e que podem representar a realidade, se assim forem reconhecidas pelo espectador. Entretanto, Ramos (2008) afirma que temos de ter precaução no impulso em sempre vincular o documentário à realidade ou a objetividade.

Um documentário precisa mostrar a realidade? Mas de qual realidade estamos falando, dentro do leque de interpretações possíveis que o mundo oferece para mim, espectador? Um documentário deve ser objetivo? Mas o conceito de objetividade revela-se ainda mais frágil que o de realidade. Se entendermos por objetividade clareza na exposição das asserções, centraremos nossa definição de documentário em uma questão estilística: de que modo expor com a máxima clareza nossa interpretação sobre o fato que enunciamos? A resposta será múltipla, não incidindo sobre a definição do campo. Um documentário pode ser objetivo ou pouco claro, e continuar a ser documentário. Um documentário pode certamente mostrar algo que não é real e continuar a ser documentário. Não é difícil imaginarmos um documentário sobre mulas-sem-cabeça. Há dezenas de documentários sobre seres de outros planetas, alguns defendendo sua existência. (RAMOS, 2008, p.24)

No nosso caso a especificidade do documentarista ser jogador do time Os Mercenários e fazer parte do cotidiano dos outros atores do filme, potencializa a naturalidade das pessoas frente à câmera e o documentarista. “Quando é dia de futebol” tem intenção de representar os atores sociais, naqueles momentos que envolvem uma partida de futebol, como se não estivessem sendo gravados. Escolha explicada posteriormente como modo observativo dos filmes documentários. Nessa condição o espectador poderia assim enxergar “a realidade” daquele momento com as pessoas agindo naturalmente.

Essa influência do próprio documentário na realidade é discutida por Jean Louis Comolli (2008, p. 169-170) no livro “Ver e poder: a inocência perdida – cinema, televisão, ficção, documentário”, em que aponta “As condições da experiência fazem parte da experiência. Ao abrir-se àquilo que ameaça sua própria possibilidade, o cinema documentário possibilita ao mesmo tempo uma modificação da representação, que os ultrapassa e, concomitantemente, os funda.”

No entanto, Comolli (2008) aponta que mesmo diante dessa circunstância de máxima proximidade entre documentarista e os atores sociais, ainda haveria a influência do processo de gravação na realidade presente no momento.

A parte documentária do cinema implica que o registro de um gesto, de uma palavra ou de um olhar, necessariamente se refira à realidade de sua manifestação, quer esta seja ou não provocada pelo filme, mesmo ele sendo um filtro que muda a forma das coisas. A forma delas, sim, mas não a sua realidade. Realidade referencial colocada antes de tudo pelo cinema documentário e que se impõe a ele como sua lei. (COMOLLI, 2008, p. 170).

A tecnologia das câmeras e gravadores possibilita a crença de que o documentário possa reconstituir e interpretar algo que aconteceu, representar um fato histórico.

Os documentários oferecem-nos um retrato ou uma representação reconhecível do mundo. Pela capacidade que têm o filme e a fita de áudio de registrar situações e acontecimentos com notável fidelidade, vemos nos documentários pessoas, lugares e coisas que também poderíamos ver por nós mesmos, fora do cinema. Essa característica, por si só, muitas vezes fornece uma base para a crença: vemos o que estava lá, diante da câmera; deve ser verdade. (NICHOLS, 2005, p.28)

Mas o espectador, diante de um filme documentário, se questiona se aquilo que está sendo representado é verdade. Bill Nichols (2005, p.64), descreve que “a sensação de que um filme é um documentário está tanto na mente do espectador quanto no contexto ou na estrutura do filme.” Comolli (2008) aponta que esse momento de acreditar ou não, do espectador quanto ao filme é o gatilho para o desejo de “ver” um filme documentário.

Quero simultaneamente crer e duvidar da realidade representada assim como da realidade da representação. Meu prazer, minha curiosidade, minha necessidade de conhecer, meu desejo de saber são recolocados em movimentos por essa dialética da crença e da dúvida. (COMOLLI, 2008, p. 170-171).

Cada filme documentário molda sua estrutura a partir das escolhas do documentarista em utilizar diferentes técnicas e convenções cinematográficas e variadas escolhas de seleção e organização dos sons e imagens. Para categorizar os documentários, Bill Nichols (2016, p.158) propõe dividi-los em modos cinematográficos que “identificam as características que distinguem um documentário expositivo de um observativo, por exemplo.” Os modos são categorizados em: Expositivo, Poético, Observativo, Participativo, Reflexivo e Performático. Para Nichols (2016, p. 158) essas “classificações não são mutuamente excludentes. Na verdade, são complementares: juntas, elas nos dão uma idéia melhor da estrutura de qualquer documentário”.

Dentre as características de cada modo. Destacamos breves conceitos que Nichols (2016) explana sobre os modos. O modo expositivo utiliza-se da voz over ou voz de deus, e “dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva ou expõem um argumento (NICHOLS, 2016, p. 174)”. O modo poético “ênfatiza mais o estado de ânimo, o tom e o afeto do que as demonstrações de conhecimento factual ou os atos de persuasão retórica.” (NICHOLS, 2016, p. 170). No modo observativo os cineastas “escolhem observar espontaneamente a experiência vivida”.(NICHOLS, 2016, p. 181). No modo participativo, o cineasta “realmente interage com seus personagens, em vez de observá-los discretamente. As questões transformam-se em entrevistas ou conversas; o envolvimento transforma-se em um padrão de colaboração ou confronto” (NICHOLS, 2016, p. 188). No modo reflexivo “os processo de negociação entre cineasta e espectador que se tornam o foco de atenção” (NICHOLS, 2016, p.201).

O documentário “Quando é dia de futebol” é realizado sob a ótica do modo observativo, embora possamos encontrar algumas características que remetam aos outros modos abordados por Nichols (2016). O modo observativo começa a aparecer nas produções de documentário a partir dos anos 60. Devido à evolução tecnológica da época surgiram câmeras e gravadores de áudio de menor porte que davam liberdade de movimento ao cineasta que a partir daqueles equipamentos portáteis poderiam registrar o momento enquanto acontecia.

Dentre as características do modo observativo que podem ser encontradas no documentário “Quando é dia de futebol”, podemos destacar a escolha do cineasta em observar espontaneamente a experiência vivida com a mobilidade de uma câmera com microfone, planos longos e a não utilização de voz over, entrevistas e efeitos .

Essas escolhas resultam em imagens em que mostram os atores sociais sendo quem eles são, interagindo uns com os outros e ignorando a câmera. Nichols (2016) aponta o

cineasta deve estar atento a questões éticas quanto à exposição das pessoas retratadas no filme, pois “como na ficção, as cenas costumam revelar aspectos de caráter e individualidade. Fazemos inferências e tiramos conclusões baseados no comportamento que observamos ou ouvimos”. (NICHOLS, 2016, p. 183)

“Quando é dia de futebol” adota o modo observativo pelo potencial em dar impressão de verdade aos fatos históricos presenciados pela câmera. Entretanto Nichols (2016) alerta que os nazistas também utilizaram desse potencial dos filmes observativos, no documentário “O triunfo da vontade” de Leni Riefenstahl, para criarem uma impressão de real de um comício do Partido Nacional-Socialista alemão em Nuremberg, em 1934.

O triunfo da vontade demonstra o poder da imagem na representação do mundo histórico ao mesmo tempo em que participa da construção de aspectos de mesmo mundo. Essa participação, especialmente no contexto da Alemanha nazista, tem sobre si uma aura de duplicidade. Isso era a última coisa que cineastas como Robert Drew, D.A. Pennebaker, Richard Leacock e Fred Wiseman queriam em suas obras. A integridade de sua postura observativa evitou isso com êxito na maioria das vezes, mas, ainda assim, o ato subjacente de estar presente a um acontecimento, mas filmando como se estivesse ausente, como se o cineasta fosse simplesmente uma “mosca pousada na parede”, convida ao debate sobre quanto do que vemos seria igual se a câmera não estivesse lá ou quanto seria diferente se a presença do cineasta fosse mais facilmente reconhecida. O fato de esse debatem por sua própria natureza, ser insolúvel continua a alimentar certo senso de mistério, ou inquietação, sobre o cinema observativo. (NICHOLS, 2016, p.188)

Após a definição de que “Quando é dia de futebol” é um filme de modo observativo, outro conceito a se tratar são os elementos da história. Sheila Bernard Currand (2008, p.15), no livro “Documentário – Técnicas para uma produção de alto impacto”, diz que “uma história é a narrativa, é contar um acontecimento, elaborada de modo a suscitar o interesse do público.” Utilizamos os conceitos que ela propõe de exposição, fio condutor, tema, arco e trama, para dividir os elementos básicos da história do filme.

O filme é sobre o time de futebol amador “Os Mercenários” que irá jogar uma partida de futebol em algum campo de Ouro Preto, porque essa prática faz parte do nosso cotidiano. Essa seria a exposição do filme “Quando é dia de futebol” com as informações que dão ganho a história. A exposição tem que conseguir responder as perguntas quem, o que, onde, quando e por quê. Para Sheila Bernard Currand (2008, p.16), a exposição “dá ao público as ferramentas de que ele necessita para seguir a história que está se desdobrando e, o mais importante, permite-lhe entrar na história.”

Após o espectador entrar no filme, precisamos fazer com que chegue ao fim. Sheila Bernard Currand (2008, p. 17) afirma que o fio condutor “é o elemento da história que leva o filme adiante, do começo ao fim. Tenha um bom fio condutor que o faça avançar, e você poderá incorrer nos desvios necessários para a exposição, em uma teoria complexa, fazer uso

de personagens adicionais – tudo que quiser.” Utilizamos uma partida inteira de futebol como fio condutor. O espectador mesmo que não seja adepto ao mundo do futebol ou esportivo, sabe que ao fim da disputa desportiva há um resultado final. Alguém ganha ou alguém perde, no caso do futebol ainda surge à hipótese do empate. Portanto, utilizamos como estratégia de prender a atenção do espectador. Após sugerir que o time Os Mercenários irá disputar uma partida de futebol, esperamos que o espectador após assimilar que uma disputa irá ocorrer, queira saber como a partida termina.

Continuando a elencar os elementos da história Currand (2008, p.16) diz que o tema “é o assunto subjacente geral de uma história específica, uma idéia recorrente que não raro ilumina um aspecto da condição humana”. Em “Quando é dia de futebol”, a prática do futebol amador em Ouro Preto, pode ser vista como o tema do filme.

A forma com que os jogadores do time “Os Mercenários” lidam com os desafios encontrados nas partidas e com o resultado final, de acordo com Currand (2008, p.21) seriam o arco da história. “Ao perseguir um objetivo, os protagonistas aprendem algo sobre si mesmos e sobre seu lugar no mundo, e essas lições mudam a pessoa que eles são – e podem, na verdade, mudar o desejo que acalentam pelo objetivo.”

Sheila Bernard Currand (2008, p.22) define que nos filmes conduzidos pela trama, “os personagens são secundários aos acontecimentos que compõem a trama”. Em casos de filmes mais curtos é possível não ter uma alternância na condução do filme. Em “Quando é dia de futebol” os jogadores como personagens são conduzidos pela trama da realização de uma partida de futebol. Desde a marcação das partidas até a confraternização após os jogos.

4 – O FILME

A idéia do filme surgiu como trabalho a ser produzido para a disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação, ministrada pela professora Denise Prado. O trabalho consistia em fazer um anteprojeto de um tema para um produto jornalístico ou uma monografia, que poderia vir a ser o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A avaliação desse projeto seria utilizada para aprovação na disciplina.

Sabia-se que faria algo de audiovisual. Até então, minhas experiências em produção audiovisual, tinham sido técnico de áudio em produto da disciplina de Técnicas de Reportagem e Entrevista. Cinegrafista e editor nos produtos das disciplinas de Arte Sonora, Documentário e Telejornalismo.

Na época da escolha, do que seria esse anteprojeto que começaria a escrever, meus colegas de curso Eduardo Moreira e Thiago Novais estavam produzindo o documentário “Seu Carlito – Narrativas sobre um comerciante da roça” como Trabalho de Conclusão de Curso. A amizade com Eduardo e o fato de morarmos no mesmo bairro em Ouro Preto fez com que eu presenciasse a evolução do documentário e as etapas de produção. Ver as primeiras versões do filme, antes de ser lançado, me deu motivação para também fazer um filme documentário.

Nesse mesmo período fazia parte da equipe de futebol amador “Os Mercenários”, que joga partidas de futebol de campo, com certa frequência nos finais de semana em Ouro Preto. Os jogos são contra vários times da cidade e nos diversos campos do município. Essa experiência, de fazer parte do cotidiano de um time de futebol amador de Ouro Preto, propiciou imaginar um documentário sobre a prática do futebol e a dinâmica das relações sociais em torno da realização das partidas seria a história a ser contada.

4.1 - Equipamentos

A primeira perspectiva de equipamentos para realização do documentário foi de utilizar em suma os equipamentos que o curso de Jornalismo dispunha para os estudantes. Estava disponível para empréstimo a câmera filmadora SONY Handycam HDR-CX220 Full HD e os computadores iMac da APLLE dos Laboratórios de Produção Visual para edição no software Adobe Premiere Pro.

Utilizei para gravar uma câmera DSLR Canon 7D, uma lente Canon 18-135mm f/3.5-5.6, dois cartões de memória Compact Flash da Sandisk com velocidade 30MB/s que somados totalizam 24 GB de espaço e uma bateria. Com esse equipamento, foi possível gravar na resolução em Alta Definição (HD).

Para me assegurar de uma boa qualidade no áudio, utilizei um microfone shotgun da RODE, o VideoMic Pro. Esse microfone era ideal para a pretensão de se garantir qualidade de áudio com a praticidade que ele oferecia pelo tamanho pequeno e por se acoplar à câmera.

O material gravado foi armazenado em um notebook Dell Vostro 1510 Core 2 Duo, em um HD Externo e em um computador, HP Compaq Elite 8200 Small Form Factor Intel Core I5.

4.2 - Gravações

Defini que gravaria as partidas em que, o time “Os Mercenários”, iria jogar durante o mês de junho de 2017, para tentar cumprir o cronograma estabelecido inicialmente. As gravações ocorreram sem roteiro de filmagens. Mesmo estando como documentarista nos dias das gravações, continuei na condição de jogador do time.

Em um jogo específico que tratarei a seguir, convidei duas pessoas para auxiliarem na gravação.

A câmera possui limitações técnicas as quais tinha que adaptar a gravação conforme a situação. Não poderia gravar mais de 15 minutos direto devido a um aquecimento da câmera que é indicado na tela. A bateria tinha uma autonomia de cerca de 1 hora de gravação. O cartão de memória armazena em média 50 minutos em alta definição.

Mesmo tendo certa experiência com a manipulação da câmera, enfrentei dificuldade em configurá-la nos ambientes fechados com pouca luz, como nos vestiários, e com muita luz, como no gramado do campo em dias de forte incidência solar. Outra dificuldade encontrada foi que a perda do áudio de algumas cenas gravadas, devido ao microfone interno da câmera não funcionar quando um microfone externo está conectado à câmera. E como deixava o microfone externo desligado para economizar bateria, por algumas vezes “na afobação” de gravar um momento, me esquecia de virar a chave para ligar.

Foram gravadas as partidas contra os times Cabeças Futebol Clube, Instituto Federal de Minas Gerais, Libertador Futebol Clube e Real Maquiné.

O primeiro jogo gravado foi em um domingo, 4 de junho de 2017, às 10 horas da manhã. A partida era contra o CFC no Campo da Associação Atlética Aluminas no bairro Saramenha. A ansiedade e insegurança fizeram parte do primeiro dia de gravação. Esse jogo fui direto para o campo, sem encontrar com outros jogadores antes. A gravação se inicia já no vestiário que cabia 6 pessoas sentadas e 2 em pé, o local estava escuro apesar de ser de dia. O clube Aluminas, proprietário do campo é um dos times mais tradicionais da cidade e está diretamente ligado à antiga empresa Aluminas, de produção de alumínio, que ocupou as estruturas industriais que hoje são de propriedade da empresa siderúrgica ArcelorMittal.



Imagem 1 - Estrutura da empresa ArcelorMittal ao fundo do campo do Aluminas
Autor: Hugo Coelho

A gravação do primeiro jogo indicou que seria preciso montar uma equipe com mais cinegrafistas para garantir imagens especificamente de lances de um jogo inteiro. A partida que viria a ocorrer no final de semana seguinte reunia boas condições para ser registrada por completo. A partida seria entre “Os Mercenários” e o time do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto no Caldeirão da Barra, principal campo de futebol de Ouro Preto. O estádio possuiu cabine de gravação. E o fato de trabalhar no IFMG, fez com que conhecesse boa parte da equipe adversária.

Convidei Elvis Rodrigues e Eduardo Moreira. Eles têm equipamentos próprios e possuem experiência em produção audiovisual como cinegrafista e editores da TV UFOP. Orientei de que a linguagem a ser adotada pela câmera seria do modo observativo e que atentassem com o fato de ter de gravar o jogo inteiro. Garanti assim ter as cenas chaves que na montagem contam a história daquele jogo.

Após conversar com os dois cinegrafistas da equipe que estavam me auxiliando, repeti os passos da primeira gravação anterior. Sem roteiro, foram gravados os momentos no vestiário antes do jogo, o aquecimento dos jogadores, as conversas no banco de reservas durante a partida. Entretanto nesse dia ainda houve a oportunidade de gravar a confraternização dos jogadores após a partida no Bar do Guru, situado no bairro Vila Aparecido, o mesmo do time.

O terceiro jogo foi no distrito de Santa Rita de Ouro Preto, no sábado, 17 de junho de 2017, contra o time do Libertador Futebol Clube, no estádio da equipe. Como o jogo seria cerca de 30 quilômetros de Ouro Preto, nos organizamos em encontrar na Capela do bairro Vila Aparecida e lá dividir os jogadores nos carros disponíveis para a viagem. Nesse dia o objetivo maior seria de gravar cenas no bairro do time, do centro histórico de Ouro Preto e do próprio distrito, que refletiram em importantes registros da geografia local.



Figura 2 - Vista do centro histórico de Ouro Preto de lugar no bairro Vila Aparecida
Fonte: Frame do filme “Quando é dia de Futebol”

A inspiração para gravar o caminho até o distrito veio do documentário “Seu Carlito: Narrativas de um comerciante da roça”, produzido por Eduardo Moreira e Thiago Novais. Eles também percorrem o mesmo trajeto pela estrada real saindo de Ouro Preto e indo para o distrito de Santa Rita de Ouro Preto. A utilização de cenas desse caminho é importante para criar um elo com outra produção cinematográfica da cidade e pelo aspecto estético que o caminho propicia mostrando questões geográficas de minas com estradas com muitas curvas e montanhas.



Figura 3 – Estrada para o distrito de Santa Rita de Ouro Preto
Fonte: Frame retirado do filme "Seu Carlito - narrativas de um comerciante da roça" de Eduardo Moreira

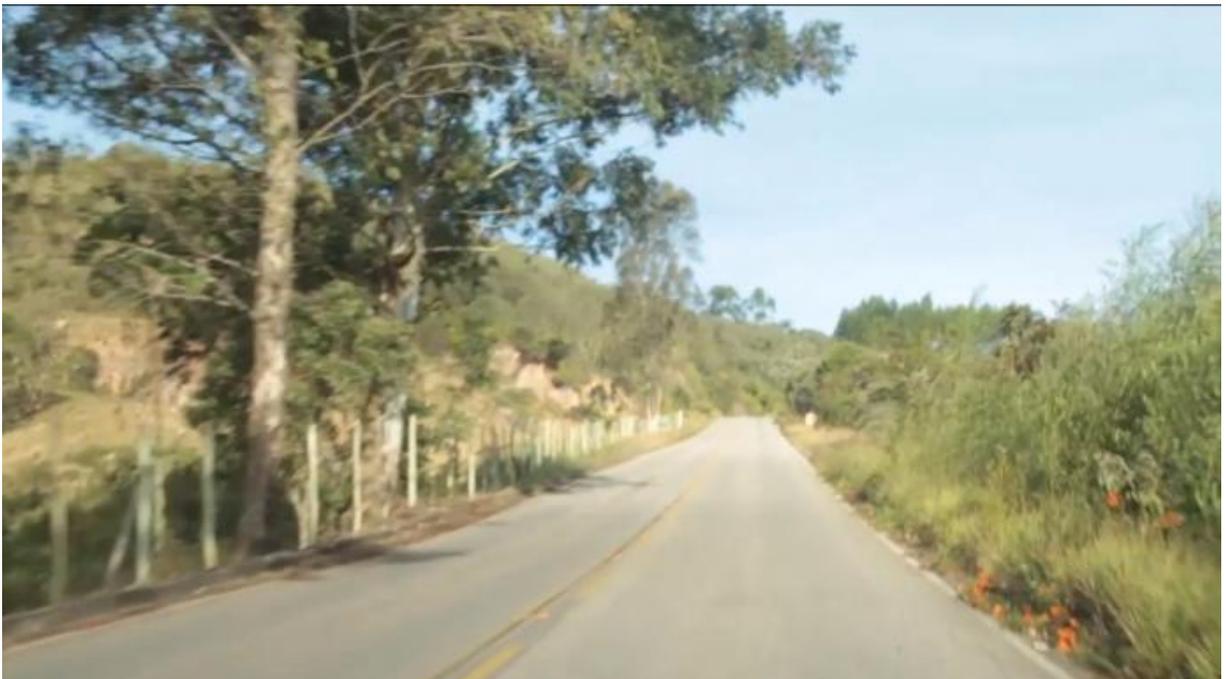


Figura 4 - Estrada para o distrito de Santa Rita de Ouro Preto
Autor: Hugo Coelho

Já no distrito Santa Rita de Ouro Preto, realizo gravações que mostram a situação em que o estádio e o vestiário se encontra e as conversas que antecederam a partida. Precisei encerrar as gravações no começo do jogo, devido ao esgotamento da bateria e do espaço no cartão de memória e também por já estar satisfeito com o que tinha rendido no dia.

Entretanto esse dia ainda reservaria momentos de aprendizado para produção de documentário. Não ter preparado equipamentos reserva fez com que não tivesse como gravar um acontecimento inusitado que ilustraria o ambiente do futebol amador. Nosso goleiro teve de virar o juiz da partida, pois o árbitro que iria apitar não foi. Isso já tinha ocorrido em outras partidas. Mas ao final do jogo uma senhora entrou em campo para bater no em nosso goleiro, que fez a função de juiz, dizendo que ele estava roubando contra o time da casa. Dava repetidos tapas nas costas dele e o xingava. Para fugir dela ele começou a correr para o vestiário. Voltei para Ouro Preto pensando nessas cenas que não foram gravadas.

4.3 - Edição

Não ter em casa um computador que suportasse a edição desse material em alta definição, causou uma demora significativa na finalização dessa etapa. O material gravado apresenta 3 horas e 40 minutos em um total de 84,4 gigabytes.

A decupagem começou 3 meses após finalizada as gravações. Entre 26 de setembro e 04 de outubro de 2017. Utilizando o software Adobe Premiere Pro o material foi inserido por completo em uma linha do tempo e analisado. A primeira ação foi cortar as cenas com problemas técnicos. O tempo gasto para decupagem alertava quanto à dedicação necessária para finalizar a montagem.

Somente em 10 de maio de 2018 volto ao material para prosseguir na estruturação do filme. Primeiro, o material foi dividido em oito partes. Entre cenas de antes do jogo, no vestiário, no aquecimento em campo, no primeiro tempo da partida, no intervalo de jogo, segundo tempo da partida, no vestiário e após o jogo. Essa ordem estruturaria a montagem do filme.

O maior desafio dessa etapa foi sincronizar as imagens do jogo gravado com três cinegrafistas, pois os lances não foram captados em modo contínuo.

Sem roteiro, a montagem acontece em cima de experimentação e análise do diálogo entre as imagens e os discursos dos personagens. Finalizado em 4 de outubro de 2018, o primeiro corte tem uma hora e dois minutos de duração.

Com as orientações do Professor Evandro, passo a utilizar mais recursos de edição como câmera lenta, legendas entre as cenas, inserção de uma trilha sonora inicial para criar um melhor diálogo entre as imagens e sons.

Em 26 de junho de 2019 finalizo o segundo corte com 10 minutos. Não houve perda de informação com essa redução da duração do tempo e propicia uma maior possibilidade de alcance na veiculação pela internet.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem-se a impressão de que o futebol não seja tema relevante para o cinema, entretanto Victor Andrade de Melo (2006, p.10) apresenta um levantamento dessas produções. “Em mais de 4.500 longas brasileiros, entre 204 que de alguma forma representam o esporte, 117 trazem algo relacionado ao futebol.”

“Quando é dia de Futebol” é um novo filme sobre o tema, após mais de 100 anos dos primeiros filmes documentais sobre futebol é crescente o numero dessas produções. Victor Andrade de Melo (2006, p.13) aponta sobre o crescimento dos curtas-metragens e suas possibilidades. “Certamente nesses recentes curtas, alguns também de caráter documental, podemos identificar representações do futebol na sociedade brasileira a partir de suas múltiplas facetas e inter-relações.”

Acredito ter atingido o objetivo de realizar um filme documentário sobre a prática do futebol amador em Ouro Preto que respeitasse a imagem dos companheiros do time “Os Mercenários”.

A produção deste filme proporcionou aprender sobre aspectos que permeiam o futebol, desde a origem, profissionalização, passando por abordagens sociológicas do esporte. Esses estudos mudaram a forma com que me relaciono com o futebol. Hoje o futebol tem menos importância na minha vida no aspecto de torcedor do Cruzeiro Esporte Clube, time profissional de Belo Horizonte. Após a produção do documentário valorizo mais a prática de jogar futebol e assistir os campeonatos amadores da cidade.

Inicialmente, o nome do projeto era “Ranca Unha: A prática do futebol ama(dor) em Ouro Preto”. “Ranca unha” é referente ao dizer “bater um ranca”, que é o dito popularmente na cidade para se referir a jogar futebol. “Ama(dor)” com dor entre parênteses foi usado com liberdade poética para acentuar a relação de amar a dor que existe na prática do jogo, pois normalmente os jogos ocasionam pequenas contusões nos jogadores. Por acreditar que o nome seria de difícil associação ao futebol sem uma contextualização para pessoas de fora de Ouro Preto deixei em aberto o nome.

A partir disso, comecei a pesquisar sobre futebol e documentário, e também produzir o filme. Durante boa parte da produção, o filme ainda não tinha um nome definido, quando fiz o primeiro corte do documentário para apresentar percebi que o título do livro de crônicas “Quando é dia de futebol” de Carlos Drummond de Andrade (2014) que estava lendo seria ideal para o filme. O livro reúne crônicas sobre futebol que Drummond publicou entre os anos de 1954 até 1986. Esse título abrange a proposta no filme de representar a experiência dos jogadores na prática do futebol amador em dias de jogo.

Inspirado pela beleza estética e sonora do documentário Campo de Jogo (ERIK ROCHA, 2015), pretendia fazer um documentário que privilegiasse a beleza de imagens conjugadas com belos sons criando um ideal romântico para esse futebol a ser retratado.

A falta de um planejamento adequado fez com que após as gravações percebesse não ter as imagens necessárias para as intenções iniciais da produção.

O processo de montagem teve de ser criativo para conseguir produzir um documentário reconhecendo os problemas de escolha de planos e fotografia. Manipular a câmera, microfone e software de edição, propiciou um treinamento e aperfeiçoamento técnico em produção de conteúdo audiovisual.

Esse documentário serve como registro em imagem e som da existência da prática de futebol amador em Ouro Preto no ano de 2017. Podendo também ser utilizado no futuro como material de arquivo para montagem de outra produção que abranja outros aspectos do futebol amador em Ouro Preto.

Após dois anos das filmagens continuo como jogador do time. E por muitas vezes, jogar uma partida de futebol é a válvula de escape das dificuldades do cotidiano.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. **Quando é dia de futebol / Carlos Drummond de Andrade**; pesquisa e seleção de textos Luis Mauricio Graña Drummond, Pedro Augusto Graña Drummond; posfácio Juca Kfourri. 1ª ed. São Paulo Companhia das Letras, 2014.
- BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: Técnicas para uma produção de alto impacto**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e poder: A inocência perdida - Cinema, Televisão, Ficção, documentário**. Minas Gerais: Editora UFMG, 2008.
- DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol. Esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMO, A. S. **Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro**. Movimento. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, 2003.
- FILHO, Mario. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1947.
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MAIA, Rousiley. **Sociabilidade: apenas um conceito?**. Revista de Comunicação Social, n53, GERAES, 2001.
- MELO, Victor Andrade de Melo. **Futebol e Cinema: Duas paixões, um planeta**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Disponível em: www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/futebol_cinema_artigo_livro_2006.pdf Acesso em: 20 de jun. 2019.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 6ª Ed. Campinas: Papyrus, 2016.
- PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. Universidade da Beira Interior, Departamento de Comunicação e Artes, 2001.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?**. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)**, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SALLES, João Moreira. **A dificuldade do documentário**. In: Martins, José Souza; Eckert, Cornelia; CaiubyNovaes, Sylvia (orgs.) *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2005, p.57-71.

SILVA, Joanna Lessa Fontes. **Futebol: amadorismo em tempos de profissionalismo**. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 42, p.64-76, jan/jun. 2011

YOSHIOKA, Gilson. **Trocando os pés pelas mãos: O futebol e a vida nas crônicas de Tostão**. Rio de Janeiro: Maquinária, 2010.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.